

Uma Introdução ao Interbehaviorismo: Contribuições para uma Ciência Natural do Comportamento

An Introduction to Interbehaviorism: Contributions to a Natural Science of Behavior

 COURTNEY A. SMITH¹

 ABRAÃO F. FIGUEIRA DE MELO¹

¹UNIVERSITY OF NEVADA, RENO

Resumo

O propósito deste artigo é apresentar cientistas do comportamento, estudantes e demais pessoas interessadas na filosofia da ciência ao interbehaviorismo enquanto um sistema filosófico completo para guiar comportamentos científicos. Um conjunto de premissas filosóficas deve guiar esforços científicos para assegurar que cientistas adotem descrições coerentes de eventos. O interbehaviorismo, fundado por J. R. Kantor, é um sistema filosófico coerente cujo uso confere vantagens à análise do comportamento, pois foca-se especificamente na relação entre comportamento e ambiente. Para apresentar esta filosofia, ilustramos premissas e conceitos definidores do pensamento interbehaviorista, e os contrastamos a uma conhecida abordagem da ciência do comportamento – o behaviorismo radical, conforme apresentado por B. F. Skinner, já que ambas as visões de relações comportamento–ambiente operam em um enfoque monista dos eventos. Acreditamos que as diferenças entre estas visões podem facilitar um entendimento introdutório do interbehaviorismo e destacar as contribuições disponíveis a partir de uma perspectiva interbehaviorista. Embora este não seja um tratamento exaustivo da posição interbehaviorista, a exposição aos principais aspectos discutidos no presente trabalho (em conjunto com sugestões de leituras adicionais) é um ponto de partida para a familiarização com um sistema filosófico completo de uma ciência natural do comportamento.

Palavras-chave: filosofia, interbehaviorismo, behaviorismo radical, causalidade, substituição de estímulos.

Abstract

The purpose of this paper is to introduce behavior scientists, students, and those interested in the philosophy of science to interbehaviorism as a sound philosophical system to guide scientific behavior. A set of philosophical assumptions must guide scientific endeavors to ensure scientists are held accountable to coherent event descriptions. Interbehaviorism, founded by J.R. Kantor, is a coherent philosophical system that is serviceable to behavior analysis as it specifically focuses on the relation between behavior and the environment. To introduce this philosophy, we illustrate key assumptions and concepts of interbehavioral thinking, and contrast them with a well-known approach of behavior science—radical behaviorism, as put forth by B. F. Skinner. Both views on behavior-environment relations operate through a monistic approach to events. We believe that the differences between these views can facilitate an introductory understanding of interbehaviorism and highlight the contributions available from an interbehavioral perspective. Though this is not an exhaustive account of the interbehavioral position, exposure to the major points made in the present work (along with suggested further readings) is a starting point to familiarity with a complete philosophical system of a natural science of behavior.

Keywords: philosophy, interbehaviorism, radical behaviorism, causality, stimulus substitution.

Agradecimentos. A autora e o autor agradecem à Dra. Linda J. Hayes por suas contribuições e suporte durante a redação do presente trabalho

 courtneysmith@unr.edu

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V20I0.16582](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V20I0.16582)

Cientistas "consideram seus materiais como o mundo real e caracterizam suas atividades principais como observações desse mundo. Após observar o mundo, as atividades secundárias dos cientistas são descrever suas observações, e essas descrições, consideradas coletivamente, constituem o conhecimento científico" (Hayes, 1997, p.

124, tradução nossa). Filósofos, ao invés de focarem nas observações do mundo como fazem os cientistas, concentram-se nas descrições verbais das observações científicas (Hayes, 1997). A relação entre esses trabalhos nas empreitadas científicas é crucial na busca dos objetivos de qualquer ciência.

Na ciência do comportamento¹, o objetivo é aprimorar uma ciência natural das interações entre comportamento e ambiente, o que representa um desafio, dado que as culturas nas quais a ciência do comportamento foi estabelecida tratam o comportamento humano de forma dualista –ou seja, ações consideradas mentais, como sentir e pensar, são consideradas de natureza diferente de outras ações (Kantor, 1963). Segundo essa lógica, comportamentos mentais do tipo encoberto (como pensar na resposta a uma pergunta) teriam influência sobre comportamentos físicos de natureza mais aberta (como responder à pergunta). Defesas do dualismo presumem que o que é acessível apenas a um indivíduo não pode ser suficientemente explicado por interações entre o organismo e o ambiente, ou, se for explicado, há um processo mental intermediário. A divisão de eventos em materiais e mentais tem várias implicações, uma das quais seria a limitação de uma ciência do comportamento à investigação apenas da classe supostamente não mental de eventos comportamentais, com base no argumento de que este seria o único tipo de evento que os cientistas seriam capazes de acessar (Kantor, 1953).

No campo da ciência do comportamento, um dos principais paradigmas filosóficos é o behaviorismo radical, que, por definição, se opõe a uma visão dualista do comportamento (e.g., Skinner, 1974). O qualificador *radical* denota a premissa de que eventos privados (tradicionalmente eventos ou estados considerados mentais) são apenas comportamentos a serem explicados em uma análise das interações entre os organismos e seus ambientes. O behaviorismo radical enxerga eventos comportamentais privados e públicos de maneira similar, diferindo apenas no acesso que os observadores têm a esses eventos. Em outras palavras, o behaviorismo radical opera com base em uma fundação filosófica monista.

O behaviorismo radical representa apenas uma variedade da ciência do comportamento que opera com uma base monista. Outra variedade, concebida um pouco antes do behaviorismo radical, é a posição do *interbehaviorismo* proposta por J. R. Kantor, um filósofo da ciência. Kantor descreveu o evento psicológico como a interação da ação de um organismo com a estimulação circundante, ocorrendo em um campo de outros fatores (veja a próxima seção para uma descrição do campo). Crucialmente, a análise de Kantor eliminou a causalidade como uma forma de explicar o comportamento, favorecendo em vez disso uma análise não linear. Kantor também defendeu uma avaliação cientificamente independente do evento psicológico, cuja definição seria livre de qualquer subordinação ou redução deste evento ao objeto de outras ciências para que seja descrito. Essas e outras distinções justificam nossa visão de que o interbehaviorismo, embora semelhante ao behaviorismo radical em seu compromisso com o monismo, é uma filosofia distinta para uma ciência do comportamento – uma que pode servir como guia para o estudo do comportamento como um fenômeno natural.

Com algumas exceções, o behaviorismo radical é ensinado em todo o mundo como a principal filosofia de uma ciência naturalista do comportamento. No entanto, o interbehaviorismo tem contribuído direta e indiretamente para a forma como analistas do comportamento atualmente investigam seu objeto de estudo. Nosso objetivo atual, que é fornecer uma visão introdutória do interbehaviorismo, é justificado por essa circunstância. Não pretendemos produzir um relato exaustivo do que o interbehaviorismo é ou deveria ser, uma vez que as opiniões de interbehavioristas variam em certa medida de uma defensora para outra, assim como ocorre com defensores do behaviorismo radical. Em vez disso, nosso objetivo é orientar a leitora ao que uma abordagem de campo do evento (*event field*) para o estudo do comportamento pode oferecer, por meio de comparações com um paradigma mais amplamente compreendido, o behaviorismo radical. Referimo-nos principalmente às obras de Skinner em nossa apresentação do behaviorismo radical como pano de fundo para a introdução do interbehaviorismo, uma vez que a maioria dos analistas do comportamento está familiarizada com a perspectiva de Skinner sobre seu sistema filosófico.

O Propósito de Reapresentar o Interbehaviorismo

Apresentar o interbehaviorismo no formato de um artigo não é uma tarefa nova (e.g., Smith, 1984), assim como relacioná-lo ao behaviorismo radical (e.g., Morris, 1982, 1984). O presente artigo tem um propósito didático e, como tal,

¹ No presente artigo, nos referiremos à ciência do comportamento como englobando todas as abordagens científicas desenvolvidas a partir da premissa de que o comportamento deve ser investigado por si só (em vez de ser considerado a expressão de construtos hipotéticos, como entidades mentais ou cognitivas). O termo "análise do comportamento" será exclusivamente utilizado para descrever o subtipo da ciência do comportamento desenvolvido ao se orientar para o conjunto de premissas e operações particulares ao behaviorismo radical (em vez de outros behaviorismos) como um sistema científico.

não tem como objetivo apresentar conceitos ou interpretações inovadoras. As contribuições que este artigo busca oferecer para cientistas interessados no interbehaviorismo são: 1) uma introdução concisa, tanto em inglês quanto em português, 2) uma visão geral de alguns conceitos essenciais específicos do interbehaviorismo e 3) referências para cientistas interessados em aprender mais sobre essa filosofia (veja a seção final para leituras sugeridas).

Primeiramente, é nossa intenção que o presente artigo, como um artigo didático, seja publicado tanto em português quanto em inglês para alcançar um público mais amplo. Em segundo lugar, é feita uma comparação entre o behaviorismo radical e o interbehaviorismo, mas essa comparação é usada apenas na medida em que a comparação com o behaviorismo radical *ajuda a facilitar a compreensão* do interbehaviorismo. Outros trabalhos realizaram essa comparação com o propósito de argumentar a favor ou contra a integração das duas perspectivas (e.g., dos Santos & de Carvalho Neto, 2021; Morris, 1982, 1984; Tourinho, 2004). A visão geral da integração destas filosofias foi bem expressa por Morris (1982), que considerou que a integração "pode trazer benefícios importantes para ambas: behavioristas radicais podem ser apresentados a um quadro conceitual mais amplo dentro do qual operar, e psicólogos interbehavioristas podem ser apresentados a um conjunto de construtos práticos e empíricos compatíveis com seus objetivos mais filosóficos" (p. 188). No entanto, a consideração da possível integração não é o objetivo do presente trabalho. Em vez disso, o presente trabalho defende a posição de que o interbehaviorismo pode se sustentar independente de uma integração, pois é um sistema filosófico completo para o estudo científico do comportamento.

A independência do interbehaviorismo não implica que o trabalho realizado dentro de uma perspectiva behaviorista radical não seja notável – o contrário é definitivamente verdadeiro. A pesquisa em behaviorismo radical tem sido extensa e levou a muitas descobertas de interações entre comportamento e ambiente. Em vez disso, afirmar que uma filosofia interbehaviorista se sustenta por si só é, mais uma vez, facilitar a compreensão do interbehaviorismo. Nosso foco nas semelhanças e diferenças entre as duas filosofias se deve à provável compreensão que a maioria dos cientistas iniciantes tem do behaviorismo radical. O behaviorismo radical e o interbehaviorismo são perspectivas filosóficas fundamentalmente diferentes. Por exemplo, as premissas relacionadas a construtos causais e fatores históricos separam os dois sistemas, pelo modo que estes construtos são conceituados e como eles fundamentam outros construtos relevantes (e.g., o reforçamento só pode ser definido em conformidade com construtos causais). Portanto, focamos em causas e na conceitualização de fatores históricos a partir de uma perspectiva interbehaviorista – pois estes tópicos são suficientemente distintos do behaviorismo radical, de modo que aqueles familiarizados com o behaviorismo radical provavelmente não entraram em contato com esta distinção.

Uma Visão Geral do Behaviorismo Radical e do Interbehaviorismo

Tanto Kantor quanto Skinner afirmam que o objetivo da ciência é tornar conhecido aquilo que ainda não é conhecido (Parrott, 1983a). O interbehaviorismo e o behaviorismo radical também são semelhantes no sentido de que as respostas em relação a um ambiente estimulante são o foco geral de ambos (Skinner, 1938; Kantor, 1953; Parrott, 1983a). Uma análise mais detalhada do objeto de estudo de cada um é justificada. O interbehaviorismo e o behaviorismo radical diferem na forma como se orientam a respeito das respostas em relação ao ambiente estimulante. O objeto de estudo ao qual Skinner se refere em seu trabalho é uma classe de resposta, na qual a participação de uma resposta em uma classe depende de variáveis de controle em comum com aquelas de outras respostas na mesma classe. O objeto de estudo ao qual Kantor se refere é uma interação estímulo-resposta em um campo integrado. Ao fornecer essas definições, ambos os estudiosos garantem que um trabalhador científico possa se orientar para o mesmo evento que outro cientista dentro do mesmo domínio científico.

Behaviorismo Radical

O behaviorismo radical foi fundado com a premissa de que o comportamento poderia ser compreendido estudando suas relações com fatores ambientais (Skinner, 1974). O qualificador *radical* enfatiza que as ferramentas analíticas utilizadas partem de uma abordagem monista do comportamento. Eventos que são observados por apenas uma pessoa (por exemplo, a sensação de dor) são explicitamente levados em consideração em uma análise funcional – assim, descartando a necessidade de verdade por acordo (Skinner, 1974; para uma visão geral dos significados do termo *radical* neste contexto, veja Carrara & Strapasson, 2014). Essa estipulação significou que até mesmo estados privados, como sensações de ansiedade ou tristeza, poderiam ser analisados, em última instância, em termos que se referem puramente às relações entre comportamento e ambiente (Skinner, 1984). Skinner escreveu extensamente sobre como operacionalizar (i.e., descrever em termos não ambíguos) termos que eram geralmente usados por psicólogos cognitivos, bem como sobre como desenvolver modelos animais para investigar tais fenômenos, assim evitando ficções explicativas (e.g., comportamento supersticioso; Skinner, 1948). Skinner (1950) criticou construções

teóricas que se referiam a "outro sistema dimensional" (p. 216, tradução nossa) além das descrições das relações entre eventos observáveis. Alvos dessa crítica incluem explicações mentalistas, bem como explicações que reduziam eventos psicológicos ao funcionamento do sistema nervoso.

Interbehaviorismo

O campo do evento psicológico (ou intercomportamental) – o objeto de estudo do interbehaviorismo – compreende os seguintes elementos: a função do estímulo, a função da resposta, fatores situacionais², história intercomportamental e o meio de contato. Um evento psicológico é um evento em constante evolução que não tem começo nem fim. Portanto, uma cientista só pode analisar um evento que tenha confrontado se o evento for *segmentado* – ou seja, os limites do evento são arbitrariamente definidos para permitir uma descrição útil dele. Esse evento circunscrito é chamado de *segmento de comportamento* (*behavior segment*). Ao observar um segmento de comportamento, a cientista fornece descrições com base em que tipo de evento este é, sobre o que se deseja indagar sobre o evento (Kantor, 1958) e quais características do evento são, portanto, relevantes para a descrição.

Em uma análise intercomportamental do evento, o foco está nas funções estímulo-resposta, representadas graficamente como $S \Leftrightarrow R$. Note que a seta que liga um estímulo e uma resposta é bidirecional. Isto significa que, em uma abordagem interbehaviorista, os estímulos não provocam, evocam ou causam de qualquer forma uma resposta (veja a seção *Causalidade* para uma discussão mais detalhada sobre causas). Nenhum estímulo é independente de uma resposta, e vice-versa. Interbehavioristas podem dizer que um estímulo e uma resposta são interdependentes, ou que co-ocorrem. Por exemplo, quando alguém vê (ver sendo um exemplo de resposta) as palavras escritas "leitura de mão" em um letreiro, esta pessoa pode pronunciar essas palavras em voz alta (falar sendo outro exemplo de resposta). A resposta de falar não é causada unicamente pelas palavras escritas, nem é causada multiplamente pelas palavras escritas e por todos os outros fatores no segmento de comportamento; em vez disso, o ato de falar e as palavras estimulantes são interdependentes, juntamente com os outros elementos do campo de eventos. Uma análise intercomportamental pode, para fins analíticos, dividir a função do estímulo e a função da resposta, mas dentro de um campo do evento, a resposta e o estímulo são descritos como uma só unidade.

O campo também inclui *fatores situacionais* (*setting factors*), que são circunstâncias que co-ocorrem com as funções $S \Leftrightarrow R$. Os fatores situacionais estão relacionados a mudanças na atualização das funções estímulo-resposta. Eles podem ser coisas e eventos circundantes ou condições do organismo que responde. Por exemplo, a quantidade de álcool consumida pode ser um fator situacional na presença do qual o intercomportamento de ler letreiros pode ser falho ou lento.

Outro elemento do campo é a *história intercomportamental* (*interbehavioral history*). Ela se refere às mudanças tanto nos estímulos quanto nas respostas relacionadas aos contatos funcionais organismo-ambiente anteriores. Por exemplo, quando um indivíduo vê o letreiro de leitura de mão, o intercomportamento de ler está relacionado à história intercomportamental composta por situações anteriores envolvendo leitura e é fortemente influenciado pelas circunstâncias culturais sob as quais o indivíduo foi criado. Em um nível mais idiossincrático, uma pessoa em particular pode ler o letreiro e ver um amigo que não está presente. O amigo pode ter falado no passado sobre seu interesse em leitura de mãos ou ter presenteado nossa protagonista com um cupom para uma leitura de mão grátis. Neste caso, algumas das propriedades estimulantes do amigo, embora o amigo não esteja mais presente, podem estar operando por meio do letreiro (veja a seção *Substituição de Estímulos* para uma discussão mais detalhada sobre história).

² Nota de Tradução: O termo *setting factors* foi traduzido anteriormente para o português de duas maneiras distintas. Matos (1981) optou por "fatores da situação" (p. 38), enquanto Souza (2021), por "fatores de configuração" (p. 93). A escolha de traduzir *setting factors* para "fatores situacionais" (a) garante que "configuração" seja um termo usado no presente artigo para fazer referência à mudança em quaisquer elementos do segmento comportamental, efetivamente tornando-o um novo segmento; e (b) evita ambiguidades decorrentes do uso coloquial do termo "situação". Vale ressaltar que dos Santos e de Carvalho Neto (2021) empregaram o termo "contexto de interação" (p. 60), aparentemente com base no termo *interactional setting*, usado em alguns trabalhos (e.g., Parrott, 1983b) com a mesma função do termo-alvo. Não traduzir *setting* como "contexto" evita a sobreposição com termos analítico-comportamentais em português que advém do original *context*. Sobreposições de "situacional" com traduções do original *situational* e adjacentes não foram julgadas como problemáticas, dado que este não é um termo frequente no jargão analítico-comportamental.

Finalmente, uma função estímulo-resposta só pode ocorrer em um *meio de contato*³ (*medium of contact*) específico. Letreiros só podem ser vistos se houver luz; sons só podem ser ouvidos se houver ar. Portanto, o meio de contato é o componente do evento que possibilita as funções estímulo-resposta.

Contribuições Interbehavioristas

Sistema Filosófico

Uma perspectiva interbehaviorista reconhece que o conhecimento dos eventos é incompleto, pois todos os eventos são únicos – uma posição também adotada pelo behaviorismo radical (Parrott, 1983a). A diferença entre o behaviorismo radical e o interbehaviorismo reside no objeto de estudo isolado por cada um. Como Skinner adere à ideia de classes de eventos, a singularidade de cada membro de uma classe é ignorada para permitir a previsão e o controle de eventos semelhantes. Uma perspectiva interbehaviorista postula que o objeto de interesse é um evento em constante evolução; ou seja, a cientista cria os limites da observação, em vez de o próprio evento ter um começo e um fim. No entanto, ao considerar o alcance da elaboração de nossas descrições de eventos, o behaviorismo radical e o interbehaviorismo diferem. Skinner (1974) argumenta a favor de explicações derivadas de outras ciências, como as que seriam fornecidas pelo "fisiólogo do futuro" (p. 236, tradução nossa), por exemplo. Em resumo, Skinner presume que um conhecimento suficientemente detalhado da fisiologia um dia produziria explicações e ferramentas mais completas do que uma análise comportamental poderia oferecer, uma vez que o que acontece no domínio fisiológico é (na visão dele) a etapa que falta entre o ambiente e o comportamento. Ao fazer isso, Skinner (1974) afirma que a análise do comportamento oferece uma compreensão incompleta dos eventos psicológicos, tornando necessária a dependência de outras ciências para uma compreensão completa destes eventos. Embora seja verdade que as descobertas em outras ciências podem contribuir para empreendimentos psicológicos, estas não são necessárias para elaborar nossas próprias descrições. Como analogia, os estudiosos da biologia não precisam depender das definições da física para definir uma célula, embora o trabalho interdisciplinar possa ser estabelecido entre essas áreas. A premissa de Skinner, de que precisamos depender de outras ciências, indica a necessidade de um direcionamento sobre como podemos melhor nos orientar para o nosso próprio objeto de estudo. Torna-se claro que um conjunto abrangente de premissas deve ser articulado e seguido para garantir a orientação ao objeto de estudo, bem como a expansão de sua descrição.

Em termos gerais, um sistema de postulados coerente é um conjunto de premissas. Dentro desse sistema, empreendimentos conceituais e metodológicos devem refinar as descrições de eventos (Parrott, 1983a). A filosofia de uma ciência fornece postulados (i.e., premissas) que os trabalhadores científicos podem adotar. Ao contrário de Skinner, Kantor forneceu os postulados sobre os quais seu sistema psicológico foi fundado de forma clara e inequívoca. As descrições de eventos feitas pelos trabalhadores científicos são feitas de acordo com as premissas filosóficas relevantes para sua ciência (Hayes et al., 1996). Se um sistema de postulados completamente articulado e coerente estiver ausente, os trabalhadores científicos não produzirão descrições coerentes de eventos. Por exemplo, um sistema filosófico incompleto pode dar origem a explicações mentalistas quando outras explicações ainda não estão disponíveis. Quando Skinner (1974) afirmou que o "fisiólogo do futuro" (p. 236, tradução nossa) traria as etapas ausentes entre o ambiente e o comportamento, assim explicando com sucesso os fatores biológicos que *causam* o comportamento, isso supostamente tornaria a análise comportamental secundária. Se um cientista tiver clareza quanto à premissa de que o comportamento é uma ação do organismo *inteiro*, não há a necessidade de recorrer a outras ciências para definir nosso objeto de estudo (embora fatores fisiológicos participem do evento psicológico, eles não são a causa). Ao tentar explicar por que organismos respondem mais quando estão em estados de privação, a falta de um conjunto claro de regras pode permitir que um cientista invoque o conceito mentalista de *drive* (impulso, pulsão, instinto).

Uma filosofia da ciência completamente articulada garante a coerência entre as descrições de eventos de todos os subsistemas dentro dessa ciência. A partir de uma perspectiva interbehaviorista (semelhante à de uma perspectiva behaviorista radical), há três subsistemas da ciência do comportamento – os domínios aplicado, investigativo (i.e., básico) e interpretativo (i.e., teórico). Cada um desses subsistemas é essencial para entender e descrever eventos. Em mais detalhes, o subsistema interpretativo engloba interpretações, explicações e comparações com foco nas descrições de eventos. O subsistema investigativo enfatiza a "seleção de eventos que ocorrem naturalmente ou a criação de eventos para fins de laboratório" (Kantor, 1959, p. 96, tradução nossa), e o subsistema aplicado busca a verificação das proposições investigativas (Kantor, 1959).

³ O meio de contato foi explorado por outro acadêmico, Ribes-Iñesta (2020), que afirma “[a linguagem] é o meio no qual todo o comportamento humano ocorre” (itálico adicionado, tradução nossa; p. 97).

Segundo Hayes (2009), "a validade da análise do comportamento está sendo desafiada pela falta de coordenação entre seus três principais subsistemas. Sua produtividade e, conseqüentemente, seu progresso em direção ao alcance de sua missão estão sendo prejudicados por essa circunstância" (p. 327, tradução nossa). A desconexão entre os subsistemas investigativo e aplicado da análise do comportamento é evidente no número limitado de citações compartilhadas entre artigos publicados no *Journal of Experimental Analysis of Behavior* (JEAB) e aqueles no *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) (Mahoney et al., 2019). Em resumo, os trabalhadores científicos em cada um desses subsistemas não estão suficientemente orientados para o trabalho do outro subsistema, para assim se beneficiarem das contribuições deste, embora os objetivos de previsão e controle sejam compartilhados por ambos (Kantor, 1953; Hayes, 2009). O foco nos subsistemas aplicado e investigativo não tem sido reparar a conexão entre os dois; em vez disso, os dois subsistemas têm se concentrado na previsão e controle de forma independente. Essa circunstância infeliz demonstra a necessidade de uma base filosófica sobre a qual os domínios aplicado, investigativo e interpretativo possam se apoiar – algo fornecido pelo interbehaviorismo.

Causalidade: Um Construto, ao invés de um Evento ou uma Premissa

Uma das contribuições de Kantor para a ciência do comportamento foi sua ênfase na distinção entre eventos e construtos. Dependendo do evento de interesse para uma ciência em particular, bem como de uma cientista específica, e das restrições impostas pelos métodos e objetivos, descrições construídas podem se referir a características distintas de eventos. Em outras palavras, a cientista está simplesmente operando dentro de um contexto específico; esse contexto é fornecido, em grande parte, pelo objeto de estudo, pelos objetivos e pelos métodos específicos à disciplina científica em que a cientista trabalha. Por exemplo, o reforçamento como um processo é uma descrição construída a partir de várias observações que a cientista faz das interações entre eventos ambientais e organismos. Nenhum evento é um reforçador em si mesmo. Todas as definições de fenômenos comportamentais são construtos. Em todos os casos, no entanto, os construtos científicos são derivados de contatos com eventos. Quando construtos descritivos não são derivados de contatos com eventos, tais construtos não contribuem para a descrição desses eventos. Como a descrição de um evento específico é estruturada varia de acordo com as orientações científicas – cada orientação direcionada por proposições que constituem suas práticas interpretativas.

Um estudante familiarizado com o behaviorismo radical pode fazer uma analogia entre a distinção evento-construto e a análise de Skinner sobre comportamento lógico e científico (e.g., Skinner, 1957, capítulo 18). Na visão de Skinner, o comportamento do cientista está sob o controle de variáveis ambientais, e um construto como o reforçamento é definido pelas práticas do grupo. O comportamento a ser alvo do reforçamento depende da correspondência entre o comportamento e as variáveis de controle, incluindo estímulos não verbais (contato direto com o objeto de estudo) e estimulação verbal (e.g., responder ao comportamento de outro cientista em relação ao objeto). Crucialmente, como é necessariamente o caso em sua análise, os estímulos compreendem classes de estímulos, e as respostas compreendem classes de respostas. Portanto, a relação funcional entre essas classes também inclui o comportamento científico, consistente com a abordagem behaviorista radical em geral. Em outras palavras, Skinner separa: o comportamento de descrever e avaliar; e a fonte de estimulação. Assim, o trabalho científico é colocado como mais um tipo de comportamento que pode ser investigado. Isso não é o que nos referimos quando distinguimos eventos e construtos no interbehaviorismo. Um evento é o objeto de estudo, e um construto é o produto do contato entre o cientista e o evento. Quando a cientista interage com o evento, ela gera um construto ou modifica construtos existentes. Em uma análise intercomportamental, ambas as partes da análise de Skinner são construtos: a descrição de uma variável de controle e a descrição de uma unidade de resposta. A proposta de Kantor, no entanto, trata de distinguir nossa descrição de eventos dos eventos em si.

Outro aspecto relevante para alcançar os objetivos da ciência é a adoção de descrições naturalísticas de eventos, pois descrições mentalistas não têm lugar em uma ciência do comportamento. Tanto Skinner quanto Kantor argumentam a favor da adoção de descrições naturalísticas de eventos; no entanto, os argumentos de Skinner nem sempre aderem a descrições naturalísticas. Um exemplo disso é a discussão de Skinner sobre explicações, ou causas, de respostas. Em sua visão, as respostas são causadas por um estímulo ou múltiplos estímulos. A consideração da causalidade múltipla, com estímulos distintos se combinando para o efeito de gerar uma resposta, tornaria uma explicação behaviorista radical mais flexível do que a causalidade unidimensional ("push-pull", i.e., uma resposta sob o controle de um único estímulo; Skinner, 1974, p. 6) professada por behavioristas pioneiros, como Watson. No entanto, a causalidade não pode ser observada em eventos públicos ou eventos privados (Parrott, 1983a). No uso da causalidade para explicar respostas, Parrott (1983b) argumenta que o mentalismo e as interpretações de Skinner diferem apenas na "localização das supostas causas do comportamento" (p. 48, tradução nossa). No primeiro caso, a causa está na

mente hipotetizada; no segundo, a causa está no estímulo. Em contraste, no sistema de Kantor, os estímulos não são considerados como causas de respostas. Em vez disso, "todas as coisas que existem como partes ou características de um certo padrão de acontecimentos podem ser ditas como fatores participantes naquele campo causal em particular" (Kantor, 1950, p. 158, tradução nossa). Estímulos e respostas são conceitualizados como funções unitárias que compõem o foco de um campo integrado (Hayes & Fryling, 2023), reconhecendo a relevância de outros fatores do campo para a unidade observada.

A causalidade no behaviorismo radical é geralmente entendida como uma relação de dependência entre pelo menos (mas não restrita a) dois eventos, de modo que um evento seja considerado a origem, ou fonte, do outro evento (Skinner, 1974). No caso de eventos psicológicos, a causa (ou causas) é então uma circunstância (ou conjunto de circunstâncias) interna ou externa ao indivíduo, participando de uma interação observada entre comportamento e ambiente. O efeito é o comportamento do indivíduo. Considere a interação entre um estímulo, como um pássaro, e a resposta de descrever suas características (e.g., sua cor, sua forma). Uma análise causal (behaviorista radical) dessa interação consiste em estabelecer uma relação de dependência unidirecional entre o estímulo e a resposta de descrever. Nesta análise, o pássaro é considerado o ponto de origem para o comportamento de descrição. Em outras palavras, o pássaro causa a descrição nesta análise. Nesta análise, pode também haver múltiplo controle sobre a resposta, como quando alguém pede uma descrição de como o pássaro se parece. Nesta análise behaviorista radical, o pássaro poderia ser definido como um estímulo discriminativo (SD). A definição de um SD (e variáveis de controle em geral) é atraente para behavioristas radicais porque se traduz bem na atividade de manipular o ambiente em arranjos experimentais. Um estímulo discriminativo é um evento antecedente que exerce controle sobre a resposta ou a ocasião sob a qual a resposta ocorre. No entanto, no interbehaviorismo, nenhum determinante externo ou interno pode fazer parte do segmento de comportamento analisado. Repetindo, as funções tanto do estímulo quanto da resposta são uma única unidade dentro do segmento de comportamento. Além disso, os interbehavioristas rejeitam a noção de um estímulo como algo que ocorre antes de uma resposta (uma análise linear). Uma vez que uma função estímulo-resposta é uma só unidade, ambos os componentes estão necessariamente presentes em qualquer ponto no tempo (ou, como interbehavioristas podem dizer, em qualquer configuração particular do segmento de comportamento). Por fim, tal seqüência temporal implícita na definição de um SD (primeiro estímulo, depois resposta) presume uma relação de dependência unidirecional, na qual a resposta depende do estímulo (mas veja Tourinho, 2011). Skinner (1938), inspirado por Kantor, reconheceu que um estímulo e uma resposta são interdependentes, mas, como discutido anteriormente, uma análise behaviorista radical ainda envolve descrever esses termos em relações temporal e causal entre si. Os interbehavioristas rejeitam essas definições de tempo e causalidade, mas veremos na próxima seção que esses termos ainda têm um papel na filosofia interbehaviorista.

As perguntas na psicologia geralmente são configuradas para identificar relações entre causas e efeitos, onde causas e efeitos são entendidos como participando de uma relação de dependência unidirecional e os efeitos são compreendidos como comportamentos de um organismo. Perguntas podem ser feitas para esclarecer a relação entre a manipulação que o cientista realiza das condições do ambiente e as mudanças na resposta de um organismo. Podemos perguntar a que estado de coisas se refere o termo *causalidade* – em outras palavras, que propriedade de eventos é descrita pelo termo *causalidade*. Todos os eventos de interesse para os investigadores consistem em interações entre a atividade do organismo e as circunstâncias. A atividade do organismo é a resposta, enquanto as circunstâncias se referem ao estímulo. Qualquer observação de uma interação é uma interação em si: o cientista confronta a co-ocorrência de fatores. Em vez de ver a causalidade como uma propriedade de eventos, a proposta de Kantor (1958) era ver a causalidade como uma ferramenta para organizar confrontações de eventos – em outras palavras, as causas são maneiras de ordenar e interpretar dados.

Devido ao foco na filosofia da ciência, Hayes e seus colegas (1996) afirmam que construíram "o que parece ser uma descrição não causal da natureza" (p. 109; tradução nossa). Afirmar que a causalidade não é um pressuposto da filosofia de nossa ciência é uma maneira de explicar que as causas são construtos, não eventos. O argumento atualmente apresentado é que a causalidade – uma relação de dependência assimétrica que foi hipotetizada – é uma construção interpretativa que, dentro da psicologia, muitas vezes é usada como uma construção investigativa. Como uma construção investigativa, a causalidade é uma hipótese de trabalho – ou, tentativamente, um modelo – que guia a interação manipulativa do cientista em experimentos. Este construto, do ponto de vista filosófico, não é derivado de contatos com eventos e não está relacionado à busca de descrições mais elaboradas de eventos. Baseando-se em Kantor (1950), Hayes e seus colegas (1997) afirmam: "O conhecimento causal, do ponto de vista filosófico, é simplesmente o conhecimento do padrão de eventos, nada mais." (p. 109, tradução nossa; Kantor, 1970).

Um caso geral do papel da causalidade como uma construção interpretativa-investigativa pode ser o seguinte. No início da investigação, há uma hipótese de que a fase do estímulo de uma função $S \Leftrightarrow R$ em particular é a fonte da fase de resposta, a partir do qual se segue que a ausência do estímulo explica a ausência da resposta. Como proposição, essa interpretação guia as operações científicas: o objeto que supostamente possui a função de estímulo relevante é sucessivamente removido e apresentado em um padrão específico, e a observação da fase de resposta é contrastada com as proposições pré-analíticas. É importante ressaltarmos que a causalidade como um construto – tanto interpretativo quanto investigativo – não é inválida na ciência sob a perspectiva interbehaviorista. Como sugerimos, é uma ferramenta que permite operações bem-sucedidas em relação a eventos relevantes.

Um exemplo pode esclarecer o papel das causas para uma interbehaviorista. Embora a filosofia do interbehaviorismo rejeite o conceito de reforçamento como parte de seu sistema de postulados, uma vez que é necessariamente causal, a utilidade desse conceito para os subdomínios não é rejeitada. Hayes et al. (1996) esclarecem que não sugerem "que o conceito de reforço, emergindo de tal influência, careça de utilidade. Pelo contrário, é um conceito extremamente útil, desde que os objetivos na ciência sejam previsão e controle" (p. 105). A causalidade, dessa forma, parece ser rejeitada como uma premissa filosófica, mas reconhecida por sua utilidade dentro dos subdomínios aplicado e investigativo. Em outras palavras, o construto da causalidade pode auxiliar na manipulação de eventos empíricos e na interpretação de seus resultados – mas, na presente perspectiva, não é uma premissa sobre a qual se baseia uma filosofia da ciência do comportamento.

Substituição de Estímulos: Superando Pseudo-Problemas Relacionados ao Passado

Um aspecto fundamental das empreitadas científicas são as observações da trabalhadora científica, pois todas as outras empreitadas científicas avançam a partir dessas observações (Hayes & Fryling, 2009). As observações permitem a descrição adicional dos eventos; portanto, as premissas da filosofia que fundamentam a ciência devem sustentar observações que permitam a descrição adicional de todos os eventos que compõem o objeto de estudo dessa ciência, mesmo que o evento observado pareça ocorrer com um objeto de estímulo que não está mais presente. Um conjunto recorrente de questões na psicologia e campos adjacentes tenta explicar a aprendizagem – ou seja, por que o comportamento de um indivíduo muda à medida que interage com o ambiente. Em outras palavras, psicólogos tentam explicar por que a experiência altera o comportamento. Como Hayes (1992) discutiu, alguns psicólogos cognitivos assumem que o comportamento muda porque o indivíduo acessa armazenamentos hipotéticos de memória, onde unidades de informação (representações de eventos do mundo real) permanecem até serem recuperadas conforme necessário. Embora Skinner (e.g., 1974) tenha se oposto veementemente a essa visão, seu tratamento do behaviorismo radical presume que as contingências operantes funcionam porque o contato com o ambiente muda algo na fisiologia do organismo, o que explicaria a influência da história individual no comportamento atual. Em contraste, interbehavioristas ofereceram uma explicação alternativa da história que, crucialmente, não apela para eventos que ocorrem fora do campo psicológico para mediar o que ocorre neste último. O processo subjacente da história de aprendizagem – e todas as mudanças em reações com respeito a estímulos, em algum grau – foi denominado de *substituição de estímulos* (Kantor, 1924, 1977).

Aderir ao conceito de substituição de estímulos assegura que um observador possa observar eventos que ocorrem no campo intercomportamental atual. Hayes e Fryling (2009) enfatizam que a substituição de estímulos descreve como "o evento passado está presente na ação estimulante de algum objeto de estímulo presente" (p. 48, tradução nossa). Eventos passados não são eventos observáveis, uma vez que não estão atualmente presentes no campo psicológico. A substituição de estímulos é a maneira pela qual o passado se torna presente, por meio das funções de estímulo que se desprendem (*detach*) do objeto de estímulo original que acompanhava tais funções. Parrott (1984) detalha como a semelhança entre objetos de estímulo e suas conjunções no tempo e no espaço (i.e., contiguidade) podem estabelecer estímulos substitutos. Por exemplo, ao ouvir a palavra *dor*, o indivíduo pode sentir, até certo ponto, dor, mesmo que apenas uma fração da dor que sentiu ao entrar em contato com objetos que causam dor. Isso ocorre devido às situações anteriores em que a palavra *dor* co-ocorreu com objetos indutores de dor.

Como Hayes (1992) discutiu, o passado não tem um status independente, fora da interação atual – não procuramos pela criança, exatamente como a criança era, dentro do adulto ou em outro plano de existência. Da mesma forma, não buscamos as práticas de uma cultura contemporânea presumindo que as práticas contemporâneas estão ligadas à existência independente de práticas culturais antigas em algum outro lugar no presente. Tanto para a pessoa adulta quanto para a sociedade contemporânea, seus passados existem apenas como partes de suas configurações atuais. Eventos psicológicos são semelhantes neste aspecto: o passado existe no presente.

A premissa de que a relação estímulo-resposta está ocorrendo no presente permite que a observadora entre em contato com o que está acontecendo atualmente no campo intercomportamental, em vez de presumir que uma parte da relação (o objeto estimulante) em efeito existe em algum outro momento ou local (e.g., no passado). Esta visão permanece consistente com o conceito de história intercomportamental como presente no campo intercomportamental, já que a história das relações estímulo-resposta é parte do campo observável.

A filosofia interbehaviorista, aplicada ao objeto de estudo da psicologia, fornece o conceito de substituição de estímulos que serve à ciência de três maneiras: 1) garantindo que o objeto de estudo da psicologia possa ser observado (e, portanto, descrito), 2) permitindo que os psicólogos evitem noções dualistas de causalidade ao descrever eventos e 3) fornecendo direcionamento para a cientista que está observando eventos psicológicos nos quais "uma pessoa parece agir em relação a um estímulo que está ausente da situação (ou seja, um acontecimento passado)." (Hayes & Fryling, 2009, p. 48, tradução nossa).

O tempo, embora útil para descrever eventos, é um construto que, sem uma filosofia de ciência válida, pode dificultar a observação de eventos. Culturalmente, o tempo é visto de forma linear, geralmente discutido como passado, presente e futuro. A cientista da psicologia observa apenas as respostas que ocorrem no presente – a observadora não tem acesso a nenhum outro momento. Ao aderir à suposição de substituição de estímulos, a cientista não é impedida pela inacessibilidade do 'passado', como a cultura em geral pode postular. Pelo contrário, as relações observadas estão ocorrendo no campo intercomportamental atual (Hayes, 1992; Hayes & Fryling, 2009). Portanto, o passado não pode ser a causa de nenhum evento ocorrendo no campo, já que a função substituta de estímulo está, ela mesma, no campo atual.

O papel da observadora na observação de eventos psicológicos também se beneficiou do construto da substituição de estímulos. Parrott (1986) afirma: "Observadores têm dificuldade em observar funções de resposta inaparentes [*inapparent*] porque não tiveram suficientes contatos prévios com a pessoa envolvida na ocorrência dessas funções e, portanto, não sabem como essa pessoa é estimulada pelos objetos que compõem seu entorno" (pp. 57-58; itálicos adicionados, tradução nossa). A observadora não pode observar a estimulação substituta a partir de apenas uma co-ocorrência estímulo-resposta. Em vez disso, deve haver uma história entre a observadora e o observado para facilitar observações genuínas. No entanto, a suficiência dos contatos com o indivíduo observado é um tanto ambígua. Não está claro quanta observação é suficiente para observar a estimulação substituta. No entanto, isso não é problemático. Em vez de desencorajar a observação para a observadora, a 'história suficiente' é alcançada com mais observações. Em outras palavras, se um indivíduo responde a algo na ausência deste algo, a substituição está ocorrendo. Os contatos entre a observadora e o observado são o que permite que outra pessoa descreva a ocorrência da substituição – quanto mais contatos, mais provável é que a substituição seja observada. O número exato desses contatos não determina se a substituição pode ser observada; por exemplo, não é o caso de que seis contatos anteriores não serão suficientes, mas 10 contatos serão. Detectar as ações de outra pessoa em relação aos estímulos substitutos envolve contatos com eventos únicos e ambíguos, incluindo a pessoa observada em condições situacionais em constante mudança. Quando a substituição ocorre, se ocorrer, sua ocorrência não é uma questão de alguma quantidade de contatos anteriores parcialmente semelhantes com essa pessoa.

A substituição de estímulos é um dos processos pelos quais o trabalhador científico pode observar as respostas à medida que ocorrem no campo intercomportamental, em vez de aderir a construtos causais ou construtos que prejudicariam as observações posteriores de eventos relevantes para o objeto de estudo psicológico. O passado, conforme definido em tratamentos tradicionais e representacionais, não é uma distinção útil ao considerar a observação de eventos psicológicos. Este passado não tem lugar no campo intercomportamental, nem nas descrições das observações de eventos – pelo menos não como componente do evento, embora possa ser visto como uma maneira de descrever como o campo de eventos é reconfigurado. Em vez de uma referência ao passado, interbehavioristas se referem a como as funções de estímulo evoluem ao longo de contatos sucessivos por meio da substituição de estímulos. Além disso, adotar o conceito tradicional de 'passado' prejudicaria o trabalhador científico na observação de eventos psicológicos, pois esses eventos ocorrem apenas no presente. A substituição de estímulos fornece uma diretiva à observadora dos eventos psicológicos – contribuir com mais observações do que é possível ser observado.

Conclusão

O objetivo do presente artigo foi introduzir o que consideramos ser características importantes que uma abordagem interbehaviorista traz para uma ciência natural do comportamento. J. R. Kantor dedicou sua carreira à construção de um sistema filosófico que elimina a dependência de eventos fictícios dos tipos mental e biológico. O

interbehaviorismo torna explícitas as premissas sobre as quais se fundamenta a difícil tarefa de explicar interações envolvendo indivíduos e seus ambientes.

O interbehaviorismo é um sistema filosófico coerente que contribui para a ciência do comportamento ao aderir à observação, demonstrada pela sua rejeição da causa como parte do evento observado e pelo seu foco em eventos que ocorrem no presente. O interbehaviorismo, como filosofia da ciência, rejeita apelos à fisiologia como fonte de eventos psicológicos e, ao fazer isso, afasta-se da tentação de deixar tarefas difíceis para outras disciplinas. Embora uma orientação para alguns aspectos importantes do interbehaviorismo tenha sido destacada neste artigo, vale ressaltar que nem todas as premissas e contribuições dessa filosofia foram abordadas aqui. Para as pessoas interessadas em aprofundar sua compreensão do interbehaviorismo, recomendamos uma série de obras.

Leituras Recomendadas sobre o Interbehaviorismo em Português

Até onde sabemos, o tratamento mais detalhado da posição interbehaviorista em português é a dissertação de Souza (2021) sobre eventos mentais, conforme tratados tanto pelo behaviorismo radical de Skinner quanto pelo interbehaviorismo de Kantor. O trabalho de Souza explora com sucesso as perspectivas tanto do behaviorismo radical quanto do interbehaviorismo de maneira elegante, e estudantes capazes de ler em português que estão interessados no tópico de eventos 'mentais' (privados, inaparentes) são direcionados a esta tese.

Uma comparação muito mais concisa das perspectivas mencionadas é fornecida por dos Santos e de Carvalho Neto (2021), que se concentram em comparar o grau de correspondência entre conceitos nos trabalhos de Skinner e Kantor, enfatizando especificamente como as definições do behaviorismo radical podem ser descritas usando termos interbehavioristas e vice-versa. Dos Santos e de Carvalho Neto descrevem vários aspectos da taxonomia de Kantor, mas não detalham as implicações das premissas interbehavioristas para tópicos científicos importantes, como um sistema científico coerente além da previsão e controle, causalidade e história de aprendizagem.

Os outros dois artigos em língua portuguesa, por Tourinho (2011) e Matos (1981), são breves em seu tratamento do interbehaviorismo. Tourinho menciona o trabalho de Kantor na medida em que Kantor influenciou as opiniões de Skinner, enquanto Matos fornece uma breve visão geral do campo intercomportamental e das maneiras como o interbehaviorismo pode ajudar a evitar lógicas mentalistas e organocêntricas na psicologia. Vale ressaltar que, até onde sabemos, a visão geral trazida por Matos é o primeiro artigo sobre interbehaviorismo a ser publicado em português.

Leituras Recomendadas sobre o Interbehaviorismo em Inglês

Kantor escreveu extensivamente sobre o sistema interbehaviorista, o que pode tornar a empreitada de aprender mais sobre o assunto desafiadora. Uma introdução abrangente ao interbehaviorismo é o livro de Hayes e Fryling (2023), intitulado *Interbehaviorism: A Comprehensive Guide to the Foundations of Kantor's Theory and Its Applications for Modern Behavior Analysis*. Além disso, o livro *Modern perspectives on J.R. Kantor and Interbehaviorism*, de Midgley e Morris (2006), fornece um texto introdutório sobre Kantor e o interbehaviorismo. Uma explicação detalhada do sistema postulacional de Kantor pode ser encontrada em *Interbehavioral Psychology* (Kantor, 1959) e *Logic of Modern Science* (Kantor, 1953).

Outros estudiosos também refinaram o interbehaviorismo como uma filosofia da ciência do comportamento. Um texto introdutório que oferece um relato histórico do trabalho inicial de Kantor e Skinner, e algumas comparações entre os dois, foi oferecido por Fuller (1973). Para um texto introdutório que também fornece uma rápida visão geral de como conceituar termos comumente usados (e.g., imaginar, pensar, perceber etc.) e problemas aplicados (por exemplo, psicoterapia e responsabilidade social), recomendamos Smith (1984). Sobre a questão da história de aprendizagem e como explicá-la sem recorrer ao conceito de mente, armazenamento de informações ou mudanças fisiológicas, Linda Hayes se baseou em conceitos interbehavioristas para definir o presente psicológico (Hayes, 1992). Além disso, Linda Hayes, Mitch Fryling e colegas contribuíram para explicar fenômenos psicológicos historicamente importantes, como o problema dos eventos privados na análise do comportamento (Hayes & Fryling, 2009; um tópico também abordado por Tourinho [2006]), memória (Fryling & Hayes, 2010), o conceito de função (Fryling & Hayes, 2011), aprendizado observacional (Fryling et al., 2011) e sentimentos (Hayes & Fryling, 2017).

Considerações

Morris (1982) apresenta algumas possíveis razões pelas quais o trabalho de Kantor não se tornou mais popular, indicando fatores como as críticas "inflexíveis" (p. 196, tradução nossa) de Kantor à psicologia e a falta de soluções específicas para essas críticas; os experimentos limitados que ele conduziu; e sua ênfase em questões filosóficas. Em

relação a essas críticas, ele também sugere que o trabalho de Kantor pode não ter sido amplamente reconhecido devido ao contexto em que seu trabalho estava inserido, incluindo a adesão ao mentalismo na psicologia, a complexidade de seu trabalho tornando-o difícil de entender, e o fato de Kantor “não ser uma figura pública” (p. 196, tradução nossa). As extensas contribuições de Kantor não são apenas dele, a partir das quais produzimos expansões; ele criou uma filosofia abrangente e naturalista por meio da qual é possível realizar o trabalho científico.

O presente artigo focou em Kantor e Skinner porque os dois são considerados os fundadores de suas respectivas filosofias; no entanto, o trabalho científico dentro de cada um desses domínios não se limita ao trabalho de seu fundador. Citamos vários acadêmicos como contribuintes para o que se conhece sobre a filosofia de nossa ciência; nosso objetivo ao fazê-lo é enfatizar que o interbehaviorismo, assim como o behaviorismo radical, não começa e termina apenas com seu fundador (embora os fundadores tenham estabelecido as bases para outros), mas é ampliado por outros, que esclarecem, expandem ou criticam o uso da filosofia na ciência do comportamento. É tarefa dos cientistas a familiarização com a filosofia à qual aderem, bem como a expansão do trabalho dentro desta filosofia.

Como um sistema filosófico que pode guiar o campo da análise do comportamento, o interbehaviorismo pode ser importante para entender e aderir a empreendimentos científicos. O modo como falamos e pensamos sobre nosso objeto de estudo tem influência sobre como o abordamos, o que significa que devemos ser precisos em nossa descrição – outros cientistas só podem acessar nossas observações por meio de nossa descrição destas.

Questões de estudo

1. Qual é o papel da fisiologia na compreensão do comportamento ao adotarmos (a) uma perspectiva behaviorista radical e (b) uma perspectiva interbehaviorista?
2. Qual é a diferença entre eventos e construtos?
3. Compare e contraste a relação entre um estímulo e uma resposta, a partir de uma perspectiva behaviorista radical e de uma perspectiva interbehaviorista.
4. Descreva um experimento comportamental com o qual você está familiarizada a partir de uma perspectiva interbehaviorista, enfatizando como a causalidade é vista a partir dessa perspectiva (ou seja, enfatize a interdependência dos fatores que participam do campo, em vez de focar apenas nas relações de dependência causal).
5. Como o passado é considerado a partir de uma perspectiva interbehaviorista e como essa visão é útil para analistas do comportamento?.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

Contribuição de cada autor

A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: C. Smith e A. Figueira de Melo contribuíram substancialmente para a conceitualização e redação do presente trabalho. C. Smith conduziu a revisão da literatura abrangente, a estrutura do trabalho, e a integração das contribuições escritas e conceituais de ambos os autores. A. Figueira de Melo revisou os artigos em língua portuguesa, traduziu o presente trabalho para o português e revisou a terminologia de acordo, aumentando sua acessibilidade. Os esforços combinados da autora e do autor resultaram no presente manuscrito.

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



Referências

- Carrara, K., & Strapasson, B. A. (2014). In which sense (s) is radical the Radical Behaviorism? *Acta Comportamentalia*, 22(1), 101-115.
- dos Santos, B. C., & de Carvalho Neto, M. B. (2021). Comparação de conceitos e processos nos Behaviorismos de Kantor e Skinner. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(1), 56-68. <https://doi.org/10.18542/rebac.v17i1.10635>

- Fryling, M. J., & Hayes, L. J. (2010). An interbehavioral analysis of memory. *European Journal of Behavior Analysis*, 11(1), 53-68. <https://doi.org/10.1080/15021149.2010.11434334>
- Fryling, M. J., & Hayes, L. J. (2011). The concept of function in the analysis of behavior. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 37(1), 11-20. <https://doi.org/10.5514/rmac.v37.i1.24686>
- Fryling, M. J., Johnston, C., & Hayes, L. J. (2011). Understanding observational learning: An interbehavioral approach. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27, 191-203. <https://doi.org/10.1007/BF03393102>
- Fuller, P.R. (1973). Professors Kantor and Skinner – The “Grand Alliance” of the 40’s. *Psychological Record*, 23(3), 318-324. <https://doi.org/10.1007/BF03394174>
- Hayes, L. J. (1992). The psychological present. *The Behavior Analyst*, 15(2), 139-145. <https://doi.org/10.1007/bf03392596>
- Hayes, L. J. (1997). Understanding mysticism. *The Psychological Record*, 47(4), 4, 573-596. <https://doi.org/10.1007/bf03395247>
- Hayes, L. J., Adams, M. A. & Dixon, M. R. (1997). Causal constructs and conceptual confusions. *The Psychological Record*, 47, 97-112. <https://doi.org/10.1007/BF03395214>
- Hayes, L. J., Dubuque, E., Fryling, M. J. & Pritchard, J. (2009). A behavioral systems analysis of behavior analysis as a scientific system. *Journal of Organizational Behavior Management*, 29(3-4), 315-332. <https://doi.org/10.1080/01608060903092169>
- Hayes, L.J. & Fryling, M.J. (2009). Overcoming the pseudo-problem of private events in the analysis of behavior. *Behavior and Philosophy*, 37, 39-57. <https://www.jstor.org/stable/41472421>
- Hayes, L. J., & Fryling, M. J. (2017). Feelings in psychological perspective. *European Journal of Behavior Analysis*, 18(1), 39-51. <https://doi.org/10.1080/15021149.2016.1230956>
- Hayes, L. J. & Fryling, M. J. (2023). *Interbehaviorism: A comprehensive guide to the foundations of Kantor’s theory and its applications for modern behavior analysis*. New Harbinger.
- Kantor, J.R. (1924). *The principles of psychology* (vol. I). Principia Press.
- Kantor, J.R. (1950). *Psychology and logic* (vol. II). Principia Press.
- Kantor, J.R. (1953). *Logic of modern science*. Principia Press.
- Kantor, J.R. (1958). *Interbehavioral Psychology* (vol. II). Principia Press.
- Kantor, J. R. (1959). *Interbehavioral psychology: A sample of scientific system construction* (rev. ed.). Principia Press.
- Kantor, J. R. (1963). *The scientific evolution of psychology* (vol. I). Principia Press. <https://doi.org/10.1037/11183-000>
- Kantor, J. R. (1970). An analysis of The Experimental Analysis of Behavior (TEAB). *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 13(1), 101-108. <https://doi.org/10.1901/jeab.1970.13-101>
- Kantor, J. R. (1977). *Psychological linguistics*. Principia Press.
- Mahoney, A., Li, A., Curiel, H., Plattner, C., & Poling, A. (2019). Self-and cross-citations in the Journal of Applied Behavior Analysis and the Journal of the Experimental Analysis of Behavior: 2004-2018. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 52(4), 1130-1139. <https://doi.org/10.1002/jaba.585>
- Matos, M. A. (1981). O Interbehaviorismo. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 1, 37-40.
- Midgley, B. D., & Morris, E. K. (Eds.). (2006). *Modern perspectives on J.R. Kantor and Interbehaviorism*. Context Press.
- Morris, E. K. (1982). Some relationships between Interbehavioral Psychology and Radical Behaviorism. *Behaviorism*, 10(2), 187-216. <http://doi.org/10.2307/27759006>
- Morris, E. K. (1984). Interbehavioral Psychology and Radical Behaviorism: Some similarities and differences. *The Behavior Analyst*, 7(2), 197-204. <https://doi.org/10.1007/BF03391903>
- Parrott, L. J. (1983a). *A systematic reformulation of radical behavioral analyses*. [Tese de doutorado não publicada]. Western Michigan University.
- Parrott, L. J. (1983b). On the differences between Skinner’s Radical Behaviorism and Kantor’s interbehaviorism. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 9(2), 95-115.
- Parrott, L. J. (1984). JR Kantor's contributions to psychology and philosophy: A guide to further study. *The Behavior Analyst*, 7(2), 168-181. <https://doi.org/10.1007/BF03391900>
- Parrott, L. J (1986). The role of postulation in the analysis of inapparent events. In H.W. Reese & L. J. Parrot (Eds.) *Behavior Science: Philosophical, methodological and empirical Advances* (pp. 35-60). Erlbaum.
- Ribes-lñesta, E. (2020). Human behavior is referential behavior, in M. Fryling, R. A. Rehfeldt, J. Tarbox, & L. J. Hayes (Eds.), *Applied behavior analysis of language and cognition* (pp. 94-114). New Harbinger
- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms: an experimental analysis*. Appleton-Century.
- Skinner, B. F. (1948). 'Superstition' in the pigeon. *Journal of Experimental Psychology*, 38(2), 168-172. <https://doi.org/10.1037/0096-3445.121.3.273>

- Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary?. *Psychological review*, 57(4), 193. <https://doi.org/10.1037/h0054367>
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). *About Behaviorism*. Knopf.
- Skinner, B. F. (1984). The operational analysis of psychological terms. *Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 547-553. <https://doi.org/10.1037/h0062535>
- Smith, N. W. (1984). Fundamentals of interbehavioral psychology. *The Psychological Record*, 34(4), 479-494. <https://doi.org/10.1007/BF03394893>
- Souza, A. L. (2021). *O mundo sob a pele: eventos mentais de acordo com o behaviorismo radical de B. F. Skinner e o interbehaviorismo de J. R. Kantor* (Identification No. 373613) [Master's thesis, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229900>
- Tourinho, E. Z. (2004). Behaviorism, Interbehaviorism and the boundaries of a science of Behavior. *European Journal of Behavior Analysis*, 5(1), 15-27. <https://doi.org/10.1080/15021149.2004.11434228>
- Tourinho, E. Z. (2006). Private stimuli, covert responses, and private events: conceptual remarks. *The Behavior Analyst*, 29(1), 13-31. <https://doi.org/10.1007/BF03392115>
- Tourinho, E. Z. (2011). Notas sobre o Behaviorismo de ontem e de hoje. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 186-194. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000100022>

Submetido em: 31/03/2023

Aceito em: 14/10/2023